



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A MEMÓRIA DA MÚSICA EM VITÓRIA DA CONQUISTA: UMA HERANÇA RELIGIOSA E FAMILIAR

Priscila Correia de Sousa Carneiro*
(UESB)

Ana PalmiraBittencourt Santos Casimiro**
(UESB)

RESUMO

Neste trabalho apresentaremos como a memória da música em Vitória da Conquista esteve associada a uma herança religiosa e familiar. Baseamo-nos na pesquisa “Meio Século de História e Memória da Música em Vitória da Conquista: uma herança religiosa e familiar” (1950-2000), cuja investigação apontou como as instituições musicais possibilitaram a formação musical de muitas pessoas, inseridas ou não na comunidade religiosa, visto o papel que algumas instituições (igrejas, conservatórios, filarmônicas, etc.) exerceram na formação musical de determinados grupos em Vitória da Conquista. Nesse contexto, é importante apresentar as duas escolas de música que foram estudadas, como a de Dona Nair Borges de Oliveira e a de Dona Almerinda Figueira de Oliveira. Constatamos que embora estas professoras tenham sido responsáveis pela aprendizagem musical na cidade, a escola administrada por Dona Nair deixou poucos discípulos, ao contrário da escola administrada por Dona Almerinda, que permitiu uma imensa cadeia sucessória. Por conta disso, tomaremos como grupo de análise nesta comunicação, a Família Gusmão Figueira, tendo como figura central Dona AlmerindaGusmão Figueira de Oliveira. Por fim, entrecruzamos os dados coletados a partir de fontes orais e documentais, como jornais, fotografias e revistas, à luz da teoria da memória, que nos fez perceber que o cenário em torno da música na cidade neste período, fazia parte de um todo muito maior e construído de forma coletiva, guardado por sujeitos unidos pelo tríplice liame: música, igreja e família.

*Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-PPGMLS-(UESB). Especialização Latu Sensu em Educação, Cultura e Memória pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB).Membro do Grupo de Pesquisa: Fundamentos da Educação: Memória, Igreja , Estado e Educação. Docente Assistente da Faculdade de Tecnologia e Ciências- FTC.
E-mail: cilla_correia@hotmail.com

**Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia- UFBA e Pós- Doutora e, Educação pela UNICAMP. Pesquisadora do Museu Pedagógico- UESB e participante do Programa de Pós Graduação do Mestrado de Memória: Linguagem e Sociedade.
Grupo de Pesquisa: Fundamentos da Educação: Memória, Igreja, Estado e Educação. Orientadora.
Email: apcasimiro@oi.com.br; apcasimiro@bol.com.br



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

PALAVRAS-CHAVE: Memória Musical, Família, Religião.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho nos referimos a um saber, 'a música', na qual o recorte desta comunicação está inserido em um contexto estreitamente relacionado a uma memória familiar amparada pela igreja batista e, posteriormente, com a criação de escolas de música na cidade.

Para isso foi importante considerar o caminho percorrido pelas principais instituições musicais na cidade (escolas de música, conservatórios, igrejas, filarmônicas, entre outras) onde se verificou a influência de uma herança familiar, religiosa, como também o contexto histórico social, que possibilitou, no período de 1950-2000, a formação de uma educação musical voltada, sobretudo, para uma vertente mais erudita e/ ou instrumental da música.

Esta comunicação se baseia nos estudos e coletas realizados em trabalho anterior, intitulado *Meio Século de História de Memória da Música em Vitória da Conquista: uma herança religiosa e familiar (1950-2000)*, onde o mesmo apontou que as primeiras professoras de música (piano e canto-coral) na cidade iniciaram suas atividades neste período.

A maioria dos entrevistados fizeram referências a duas escolas de música que existiam em Vitória da Conquista, entre 1950 a 1970: a escola de Dona Nair Borges de Oliveira (católica) e a de Dona Almerinda Figueira de Oliveira (batista e esposa de um pastor). A primeira escola tinha vínculo com a Escola de Música da Bahia, em Salvador, instituição responsável pelas certificações dos alunos no curso



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

técnico em piano, fundado em 1897^{†††}. Já a professora Almerinda Figueira de Oliveira, que foi aluna de Dona Nair, iniciou suas atividades em sua própria residência. Somente em 1964, sob direção de sua filha Vanilda Figueira de Oliveira Freitas, o estabelecimento musical, institucionalmente reconhecido, se transformou no Conservatório de Música de Vitória da Conquista, vinculado ao Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, cujo convênio foi firmado no ano de 1973. Após uma longa e ininterrupta caminhada, a escola de música que começou na própria casa de D. Almerinda está, atualmente, sob a coordenação da sua primeira filha, Vanilda, que no ano de 2014, comemorou 50 anos de existência e de influência na formação musical de muitas pessoas na cidade.

A partir das investigações realizadas, tomamos conhecimento da atuação das famílias batistas conquistenses, principalmente daquelas de origem pioneira, ligadas à Primeira Igreja Batista que, depois, fundaram a Segunda Igreja Batista e, mais tarde, devido a algumas dissensões com os membros das duas anteriores, fundaram a Igreja Batista Peniel. Foi dessas três primeiras igrejas, por meio dos seus membros (especialmente de algumas famílias, como Figueira e Gusmão, prevalentemente), que se originaram as primeiras escolas de música e os primeiros conservatórios os quais, depois, se desdobraram em muitos outros, geralmente sob a direção feminina.

Tomamos como grupo de análise neste trabalho, a Família Figueira de Oliveira, tendo como figura central Dona Almerinda Figueira de Oliveira, relacionando os relatos aqui presentes com a memória coletiva, cuja identidade está inserida no interior dos grupos, percebendo de que forma essa relação entre a

^{†††}Tudo indica que este Instituto de Música da Bahia, responsável pelas certificações técnicas da Escola de Música de Dona Nair Borges de Oliveira, é o mesmo apresentado pelas autoras Maria da Conceição Costa Perrone e Selma Bulhosa Alban Cruz, no livro Instituto de Música: um século de tradição na Bahia, sendo fundado em 1897 “quando da criação do conservatório, através da Lei Estadual, e da sua anexação à escola de Belas Artes, passando pelo momento da fundação da Sociedade Auxiliadora do Conservatório, até o ano de 1917, quando conquistou sua autonomia” (p.9). E, ainda segundo informações das referidas autoras, a partir de 1969 vai ser incorporado à Universidade Católica do Salvador- UCSAL.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

música, as famílias, a igreja batista, as escolas e conservatórios, contribuíram para a formação de uma educação musical que diz respeito a uma geração, um grupo de pessoas, e condições para estarem inseridas em tal contexto.

Trabalhamos aqui, principalmente, em uma perspectiva metodológica que partiu da análise da realidade que compõe o objeto em questão, entendendo que, para compreender a história e a memória da música na cidade, devemos considerar que este universo possui múltiplas determinações, baseadas nas relações constituídas a partir das primeiras igrejas batistas, escolas e conservatórios de música como, também, referentes a aspectos sociais, políticos e econômicos, na parte e no todo.

Acreditamos que o conceito de memória na perspectiva de Halbwachs (2006), dá um valor especial às permanências realizadas ao longo do tempo, onde a lembrança e esquecimento dizem respeito diretamente ao grupo e ao meio social ao qual pertencem. Neste viés, esta aprendizagem musical a que nos referimos neste trabalho, mesmo que inicialmente possa envolver técnica, regras e repetições, atrela aprendizagem a um grupo específico, ao grupo dos músicos e aos saberes que são acordados, definidos no interior do mesmo.

É com a intenção de mostrar como a trajetória da educação musical na cidade esteve correlacionada com uma herança familiar, com a religião protestante, e com a ideia da existência do “dom” musical, se objetiva este trabalho, cujo foco nesse momento centrará na trajetória religiosa e musical de Dona Almerinda Figueira de Oliveira.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

DONA ALMERINDA FIGUEIRA DE OLIVEIRA E A EDUCAÇÃO MUSICAL NA CIDADE

Dona Almerinda Gusmão Figueira (depois, Figueira Oliveira) nasceu em Vitória da Conquista, em 22 de novembro de 1917^{†††}, de uma grande família formada por fazendeiros, sendo bisneta do fundador do protestantismo na região, Tertuliano Gusmão, em razão do qual todos os descendentes se converteram. Filha do casal Virgílio Manoel Figueira e de Dona Maria Gusmão Figueira (D. Maricota), que tiveram onze filhos (nascidos entre 1907 e 1925), Almerinda foi uma das fundadoras de escolas de ensino musical na cidade, por volta de 1957, e a grande incentivadora do ensino de música em Vitória da Conquista.

Conforme relatos de familiares, a sua aptidão musical e artística está vinculada à história da família e começou, justamente, por influencia dos seus pais, que gostavam de música. O seu pai foi membro da Primeira Igreja Batista de Vitória da Conquista, e “tinha um dom artístico”, escrevia peças para a igreja e, provavelmente, “chegou a tocar na Filarmônica [...] de Santo Antônio de Jesus”.

A família dele tinha esse “dom”, afirma sua filha Maria Eugênia. O percurso trilhado por Dona Almerinda, que consideramos ser uma figura emblemática para a formação musical da cidade, sobretudo no ensino de piano, canto coral e acordeom, elege a música como um instrumento pedagógico, num propósito educacional amplo, cujo objetivo é oferecer suporte ao projeto protestante das Igrejas Batistas Conquistenses, especialmente às instituições fundadoras: Primeira Igreja Batista, Segunda Igreja Batista e Igreja Batista Peniel.

A instalação de escolas e conservatórios, inicialmente por Dona Almerinda e, mais tarde, pelas suas filhas, sobrinhas e algumas alunas mais dedicadas, influenciou a arte musical na cidade, sobretudo na propagação de uma música que se aproxima da vertente inicialmente mais erudita, visto a obrigatoriedade de

††† Informações retiradas das entrevistas realizadas com as filhas de Dona Almerinda: Vanilda Figueira de Oliveira Sales e Maria Eugênia Figueira de Oliveira Spínola em março de 2014, em Vitória da Conquista.

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

alguns compositores da música ocidental nas provas finais do curso de piano, a fim de receberem a certificação final do curso técnico.

HISTÓRIA/ FAMÍLIA / TRAJETÓRIA RELIGIOSA E PROFISSIONAL

Tanto Maria Eugênia Figueira de Oliveira Hollomon^{§§§}, terceira filha de Almerinda, quanto uma das suas netas, Dulciane Figueira de Oliveira Nascimento, filha de Maria Isabel Figueira de Oliveira, quinta filha, acreditam que a aptidão musical de Dona Almerinda teve a influência de seus pais, que gostavam de música. Seu pai, Virgílio Manoel, “tinha um dom artístico”, escrevia peças para a igreja e, provavelmente, “chegou a tocar na Filarmônica de Santo Antônio de Jesus. A família dele tinha esse dom”, complementa Maria Eugênia.

Ainda segundo Maria Eugênia, Dona Almerinda “estudou com Dona Nair. Mas, antes desta professora, teve uma pessoa, da qual ela não recorda o nome, que ensinou alguma coisa à sua mãe” que, em seguida, foi para o Seminário de Educadoras Cristãs em Recife, onde estudou em uma escola de formação religiosa chamada SEC – Seminário de Educadoras Cristãs em Recife, cujo objetivo era ser uma educadora cristã****.

Conforme Maria de Lourdes Porfírio dos Anjos (2008), as escolas protestantes batistas que atuavam em Recife, no Seminário do Norte, em 1917, e no Colégio *Gilreath* (posteriormente conhecido como Colégio Americano), direcionavam as suas atividades educacionais apenas para rapazes. Porém, com o propósito de “formar professoras para o trabalho das igrejas, para as escolas anexas e para suprir as lacunas existentes na educação da mulher”, foi criada a

^{§§§}Quando a entrevista foi realizada, em 31 de março de 2014, a referida entrevistada utilizava o nome Maria Eugênia Figueira de Oliveira Spínola, mas em 12 de outubro de 2014, em virtude do casamento, passou a se chamar Maria Eugênia Figueira de Oliveira Hollomon.

^{****}Embora sua filha Maria Eugênia não saiba quem foi este professor, Heleusa Figueira Câmara menciona em entrevista realizada em 24 de outubro de 2014, que a mesma aprendeu um pouco de órgão com o Maestro Francisco Vasconcelos, que foi regente de Filarmônicas na cidade.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Escola de Trabalhadoras Cristãs (ETC), em 1917. Era, pois, uma escola confessional, nascida da iniciativa de missionárias batistas norte americanas, que “tinha a finalidade de estudar a possibilidade de organizar uma escola de educação feminina [...] para desenvolver um trabalho com ensino e evangelização” (ANJOS, 2008, p.2).

Almerinda foi para a Escola de Trabalhadoras Cristãs do Seminário de Educadoras Cristãs em Recife, com aproximadamente 18 anos, em 1935, e concluiu seus estudos em 1939, quando retornou a Vitória da Conquista.

Em Recife, conheceu Valdomiro Oliveira, que fazia o curso teológico no Seminário do Norte, ficou noiva e se casaram em 14 de Junho de 1940^{†††}.

Já com 15 anos de casada, por volta dos anos de 1954, seu esposo, então Pastor da Segunda Igreja Batista de Vitória da Conquista, recebeu, a convite da NABA (Associação dos Batistas Americanos), uma bolsa de estudos para aprimorar os conhecimentos teológicos por meio do curso de Bacharelado em Divindade, no Seminário de Jacksonville, Texas, nos Estados Unidos. Por conta deste acontecimento, Dona Almerinda acompanha o seu esposo, juntamente com as cinco filhas, para os Estados Unidos (OLIVEIRA, 2001, p. 186- 187).

Embora o objetivo da viagem fosse acompanhar o Pastor Valdomiro, toda a família teve acesso à formação educacional e musical. Dona Almerinda se matriculou no curso de Literatura Inglesa e no curso de órgão elétrico, “com o famoso professor Wendell Weltch”. As filhas do casal foram matriculadas na escola de curso regular e no curso de piano, na Escola de Música “*Gober’s Music School*” (OLIVEIRA, 2001, p. 194).

^{†††}No livro “Memórias de um Pastor”, Valdomiro de Oliveira (2001) informa a data de sua ordenação como Pastor: dia 26 de outubro de 1939. Conforme Viana (1983), em 26 de Fevereiro de 1939 foi inaugurado o templo da Segunda Igreja Batista de Vitória da Conquista.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

PARTICIPAÇÃO MUSICAL

Valdomiro Oliveira, em seu livro *Memórias de um Pastor*, ao fazer referência a Dona Almerinda, ressalta as habilidades artísticas e, sobretudo, a musicalidade de sua esposa. Valdomiro relembra que, mesmo antes de se casar, Almerinda tocava órgão, piano e também “era uma excelente solista, sendo uma pedra preciosa no soerguimento da obra missionária daquela Igreja que nascia a cada dia” (OLIVEIRA, 2001, p.67).

Passei a contar com a presença de uma grande solista me acompanhando no trabalho de evangelismo / Minha noiva Almerinda me acompanhou naquelas férias no trabalho evangelístico, usando o seu talento, a sua bela voz de primeiro soprano para louvar ao Senhor e ganhar almas para Cristo (OLIVEIRA, 2001, p.30-31 e p.48).

Outro lugar de aprendizado e atuação musical de Dona Almerinda foi a Segunda Igreja Batista. Segundo a filha, “a primeira escola que a [...] mãe teve”****.

Na análise das entrevistas realizadas entre familiares de Dona Almerinda, sobretudo suas filhas, e também dos registros deixados no já mencionado livro, escrito pelo esposo Valdomiro Oliveira, percebemos que Dona Almerinda, durante os anos que antecedem a fundação da escola de música, mais precisamente entre o período de fundação da Segunda Igreja, em 1940, até a fundação da escola de música em 1957, após retornar dos Estados Unidos, atuou ativamente, através da música, nas obras missionárias e evangelísticas da referida Igreja. “[...] O evangelho foi disseminado em Conquista. Pregávamos no templo e quando terminávamos íamos com a Igreja para as praças praticar o evangelismo de massa e pessoal” (OLIVEIRA, 2001, p.128).

****Maria Eugênia - 31/03/2014.

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A música sempre foi um instrumento divino no evangelismo. Começávamos o trabalho cantando fervorosamente com os irmãos os hinos do Cantor Cristão, orávamos silenciosamente e o povo começava se ajuntar ao nosso redor. Pregávamos mensagens curtas e objetivas, falando a alma do povo. Fazíamos sempre apelo e muitas eram as conversões. Após o término do trabalho os irmãos distribuíam folhetos e falavam diretamente as pessoas (2001, p.128).

Após o retorno dos Estados Unidos, depois “de três anos e quatro meses fora do Brasil”, Dona Almerinda abre uma escola de música, em sua residência, em 1957^{§§§§}, onde ministrava aulas de piano para seus filhos, e também “[...] tinha muitos alunos” que “[...] aprendiam inclusive acordeom, todos esses instrumentos, [...] naquele tempo não existia teclado, mas se estudava tudo, teoria musical, solfejo, tinha todo um currículo, um programa completo de música, era um curso regular mesmo, que era feito nos mesmos repertórios que se tocava nas grandes escolas”(SPÍNOLA, 2014). Fato esse que não escapa das memórias de Oliveira: “[...] Minha esposa abriu um Conservatório de Música dando prosseguimento à Educação Musical das meninas que mais tarde foram para o Rio de Janeiro se aperfeiçoar” (2001, p.239).

Maria Eugênia ressalta que um dos objetivos da mãe “visava estimular, formar pessoas para tocar na igreja. Começou com esse objetivo”, mas a filha complementa ainda que embora esse fosse o objetivo principal quando a mãe abriu a escola, este ensino de música era também o meio que a mesma encontrou para “sustentar [...] a família”

A Escola de Música e a atuação como professora de Inglês no Instituto de Educação Euclides Dantas - IEED/ Escola Normal, propiciava a Almerinda fonte de trabalho e renda que auxiliava a família na criação de seus filhos. Esta mulher, singular para a sua época, pois o espaço na sociedade para as mulheres ainda era

^{§§§§}Maria Eugênia, em entrevista em 31/03/2014, informa que embora a escola de música de Dona Almerinda tenha funcionado após o retorno dos Estados Unidos, em 1957, ela recorda que “desde 51, 52, minha mãe já ensinava”.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

restrito ou possuía muitos empecilhos teve, conforme uma de suas filhas, uma vida de luta e de trabalho:

Ela também ensinava no Estado, também no colégio estadual, ela tinha um trabalho, tinha seis filhos para criar, trabalhava de manhã e de noite na escola normal dando aula de inglês, e as tardes aqui, cuidando dos filhos e com os alunos, então ela teve muitas dificuldades, teve uma vida bem difícil, minha mãe criou a gente com muita luta, com muita dificuldade, uma família pobre, nós somos de origem de família pobre, continuamos sendo pessoas que se sustentam com o trabalho, não somos ricos (SPÍNOLA, 2014).

De acordo com Valdomiro de Oliveira Júnior, último filho de Dona Almerinda, sua mãe se diferenciava das outras mulheres da época por conta da própria liberdade concedida pelo esposo e pela condição de esposa de pastor, que lhe dava amparo para atuar ativamente naquele contexto. Ademais, a influência estadunidense, que vivia o movimento feminista, foi de suma relevância para uma postura que estava à frente do seu tempo e da realidade circundante****.

Conforme Oliveira, em 1960, Almerinda esteve à frente do Coral da Segunda Igreja, onde “cantava em todos os cultos. Não somente aos domingos, como nos cultos de oração e de evangelismo dentro e fora do templo. O nosso Deus habita no meio dos louvores” (2001, p.248). Embora o vínculo com a música não se esgotasse, Almerinda foi, pouco a pouco, substituindo as aulas (de piano e inglês) pelas atividades musicais e evangelísticas da Igreja, pois “começou a ficar com mais idade, mais cansada, [...] e transferiu para Vanilda” as atividades voltadas à educação musical††††.

Em 1964, foi instituído o Conservatório de Música de Vitória da Conquista, mas Dona Almerinda não ensinou nesta instituição. A direção do mesmo ficou a

**** Entrevista realizada em 12 de outubro de 2014.

†††† Maria Eugênia - 31/03/2014.

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

cargo da sua primogênita Vanilda que, após conclusão do curso de música no Rio de Janeiro, deu continuidade ao ensino musical, iniciado por sua progenitora.

Desse momento em diante, D. Almerinda passou a se dedicar mais aos trabalhos da Igreja e, como membro atuante desta instituição, juntamente com a Sociedade Feminina Missionária, ela e outras mulheres foram responsáveis em lançar “a primeira campanha pró-construção do novo santuário” [a Segunda Igreja] (OLIVEIRA, 2001, p.254).

A pedra fundamental do novo Templo “foi lançada” em 26 de outubro de 1982 e sua obra concluída no dia 26 de Outubro de 1989, dia em que também foram comemorados os cinquenta anos de ministério do Pastor Valdomiro Oliveira. Para celebrar este momento tão significativo para seus membros, a Segunda Igreja realizou “três dias de atividades comemorativas, com a presença de muitos obreiros”, e também a música, que “encheu todo o Santuário de louvor ao Grande, Eterno e Poderoso Deus, num pleito de gratidão pela grande benção daquele momento” (OLIVEIRA, 2001, p. 269).

Segundo Maria Eugênia, a mãe era muito empenhada e “sempre foi uma pessoa muito vocacionada, [...] sempre amou o que fazia, fazia com dedicação e [...] valorizava muito as pessoas”. Assim, percebemos que a música permeou toda a trajetória de Dona Almerinda, onde “ela passou, a música, de uma forma bela, uma forma positiva, com amizade, com respeito pelas pessoas, valorizando, assim, se relacionando com as pessoas, para o bem delas” (SPÍNOLA, 2014).

A trajetória de Dona Almerinda se mistura ao percurso trilhado pelo esposo. Dedicou-se à Segunda Igreja, ao lado dele, durante os cinquenta e sete anos em que esteve à frente do Ministério desta Igreja e, por todo este tempo, a música esteve vívida e presente, mas quando Valdomiro Oliveira faleceu, em 2002, “ela não quis mais tocar, porque esse piano ele tinha dado pra ela” e sobre esta relação dos pais, Maria Eugênia ressalta que era: “uma relação afetiva, [...] viveram 60 e poucos anos



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

em comum, meu pai e minha mãe eram um casal muito unido, ela sentiu muito, como nós sentimos muito, a partida de meu pai”****.

Dona Almerinda faleceu no dia quinze de julho de 2014, aos noventa e seis anos, onde a música se fez presente mais uma vez na segunda Igreja Batista, no culto de gratidão pela vida desta que dedicou grande parte de sua trajetória às atividades musicais e evangelísticas desta Igreja, que reuniu neste momento, familiares, ex- alunos e a comunidade conquistense.

CONCLUSÕES

Com base nas informações apresentadas, principalmente no que podemos observar na trajetória musical e evangelística de Dona Almerinda, e diante das entrevistas realizadas, cujas memórias remetem à história da música conquistense no geral, e à memória da música cultivada pelos membros das igrejas protestantes —, mormente os batistas da Primeira e da Segunda Igrejas Batistas e, mais tarde, da Peniel — bem como o envolvimento de outros membros protestantes e parentes de Dona Almerinda, tais informações foram fundamentais para a realização do presente trabalho.

As primeiras entrevistas realizadas, principalmente com as pessoas de notório saber sobre a história e a memória de Vitória da Conquista e da Região Centro-Sul da Bahia, nos indicaram algumas escolhas e procedimentos que se justificam. Primeiro, sobre a organização da vida material e cultural de Conquista, da sua origem, das principais famílias e do advento do protestantismo na região, mormente os de origem missionária.

Segundo, sobre a ideia, corrente na cidade, de que determinadas famílias possuíam dons musicais mais apurados, sendo que os sobrenomes mais citados eram Gusmão e Figueira. Tais informações nos direcionaram para investigar a

****Maria Eugênia- 31/03/2014.

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

origem dessas famílias, sua cultura familiar e a existência desses dons. Nossa investigação inicial nos levou a constatar um quantitativo bastante significativo da relação sobrenome *versus* atividade musical, acrescido com informações qualitativas sobre relação com a música, relações de gênero, profissionalização, amor à música, música e evangelização, música e espiritualidade, protestantismo, etc., como nos sugerem, por exemplo, as declarações de Maria Eugênia, dentre outras entrevistadas.

Assim, nos ativemos a três categorias principais: 1- **Família** – sobrenome (Gusmão e Figueira), cultura familiar, educação familiar, rede de parentesco, descendentes e aderentes (famílias Ferraz, Sales, Mendes, Andrade, por exemplo), etc.; 2 - **Religião** - protestantismo, denominação batista, Primeira e Segunda Igrejas Batistas de Vitória da Conquista, Igreja Batista Peniel, sem desprezar, entretanto, a mudança de alguns dos membros do clã em estudo para outras denominações, ou a participação de músicos relacionados a esses pioneiros da música em outras igrejas renovadas.; 3 – **Música** – focando apenas algumas variáveis, como professores, ensino/aprendizagem, tipos de instrumentos (piano, flauta, coral, violão – os mais citados), tempo de estudo, grau de formação musical, relação com a música (diletante, profissional, professor, tocar na Igreja, etc.).

Dona Almerinda deixou uma rede de descendentes, sendo que ela foi a agregadora, a disseminadora e a pioneira da relação música, família e evangelização e suas cinco filhas, sem exceção, seguiram seu exemplo na utilização da música na evangelização, além do fato de que o aprendizado com a mãe proporcionou a todas uma profissão que permitia tanto o sustento como também a propagação da fé evangélica.

Diante do exposto, afirmamos que o ensino musical era comum a todos os filhos das famílias consideradas importantes de Vitória da Conquista e, dentre essas famílias, os filhos dos batistas das primeiras igrejas fundadas tiveram mais incentivos, privilégios ou dons musicais. Observamos que os católicos e espíritas



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

conquistenses não eram tão motivados pelas suas famílias ou pelas suas comunidades religiosas para o estudo e ensino da música como alguns segmentos batistas e somente estes constituíram um grupo que, além de formar coletivos pelos sobrenomes ou opção religiosa, também formaram um coletivo de amantes da música.

Afirmamos, finalmente, que as inter-relações apresentadas aqui estão preservadas na memória coletiva das famílias envolvidas, e no imaginário dos grupos sociais que vivenciaram esse meio século, onde estes sujeitos faziam parte de um todo muito maior e construído de forma coletiva, guardado por sujeitos unidos pelo tríplice liame: música, igreja e família.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Maria de Lourdes Porfírio dos. História e Vivências Cotidianas da Pedagogia Norte Americana, no Seminário de Educadoras Cristãs em Recife (1917-1980). In: **V Congresso Brasileiro de História da Educação**, em novembro de 2008, Aracaju - Sergipe. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe_2008/trabalho_completo.php?id=491>. Acesso em 30 de maio de 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. - São Paulo: Centauro, 2006.

NAMER, Gérard. **Los Marcos Sociales de La Memoria**. (Posfácio). Tradução de Manuel A. Baeza y Michel Mujica. - Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; Concepción: Universidade de la Concepción; Caracas: Universidade Central de Venezuela, 2004.

OLIVEIRA, Valdomiro. **Memórias de um Pastor**. Impresso na Editora Betânia. Belo Horizonte. Minas Gerais. Vitória da Conquista, 2001.

Depoimentos e Entrevistas

- Eneida Márcia Figueira de Oliveira, quinta filha de Dona Almerinda. Entrevista concedida em 08 de setembro de 2014, em Vitória da Conquista-Ba.

- Heleusa Figueira Câmara, sobrinha de Dona Almerinda. Entrevista concedida em 24 de outubro de 2014.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

-Maria Eugênia Figueira de Oliveira Spínola, depois, Maria Eugênia Figueira de Oliveira Hollomon terceira filha de D. Almerinda. Entrevista concedida em 31 de março de 2014, em Vitória da Conquista- Ba.

-Ruy Hermann Araújo Medeiros. Entrevista concedida em 29 de abril de 2014, em Vitória da Conquista.

-Ubirajara Brito. Entrevista concedida em 24 de setembro de 2013, Vitória da Conquista.

-Vanilda Figueira de Oliveira Freitas, primeira filha de Dona Almerinda. Entrevista concedida em 2008, realizada durante a elaboração do projeto final da especialização em Educação, Cultura e Memória - Museu Pedagógico/UESB, 2008, em Vitória da Conquista.

-Vanilda Figueira de Oliveira Freitas. Entrevista concedida em 24 de março de 2014, em Vitória da Conquista.

-Valdomiro de Oliveira Júnior, sexto filho de Dona Almerinda. Entrevista concedida em 12 de outubro de 2014.